

Relançamento de livro de crônicas resgata memória e legado de José Paulino de Azurenha, figura histórica no jornalismo gaúcho



reportagem cultural

Tempo de relembrar José Paulino de Azurenha

Rafael Gloria, especial para o JC

Jornalista, cronista e um dos fundadores do jornal Correio do Povo. José Paulino de Azurenha foi um intelectual complexo, com uma trajetória que merece ser lembrada agora com a reedição do livro *Semanário de Leo Pardo*. A obra, que reúne uma seleção de crônicas do autor entre 1905 e 1909, teve uma única edição em 1926, pela Livraria do Globo. O projeto é do Estúdio Mar Edições.

Alex de Cassio, um dos responsáveis pela reedição, também pesquisou os vestígios e registros de Azurenha para escrever a nota biográfica que acompanha o livro. Ele conta que essa busca foi uma das partes mais complicadas do processo. “É que ele não deixou

muita coisa. Quase tudo que consegui encontrar são depoimentos de amigos. Ele era uma pessoa respeitada por todo mundo. Era muito discreto, embora tivesse participação na sociedade, sendo membro de muitas associações.”

Azurenha nasceu em 1860, de uma mãe escravizada chamada Paula Maria da Conceição, ainda onze anos antes da Lei do Ventre Livre. Segundo Cassio, que conseguiu recuperar a certidão de nascimento de Azurenha, ele foi liberto na pia batismal. O futuro jornalista cresceu no centro, na rua Espírito Santo, perto da Cúria Metropolitana. Foi o padre jesuíta Antônio dos Santos Reis que o acolheu e o ajudou na educação formal. Azurenha mesmo atesta esse fato em diversas crônicas.

O professor da faculdade de Educação da Ufrgs José Antônio dos Santos fala sobre a importância da educação na vida dele. “Como era muito comum aos negros da época, ele seguiu seus estudos de forma autodidata e em contato direto com outras pessoas de mesmo perfil étnico-racial e de classe”, diz. Neste sentido, outro pilar na sua formação foi o jornalista e político Aurélio Viríssimo de Bittencourt, um dos seus principais amigos e padrinho de seu casamento. “Ele teve trajetória muito parecida com a de Azurenha, foi filho de mãe escravizada, aprendiz de tipógrafo, dono de jornal, funcionário público concursado e secretário de governo de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros.”

Azurenha trabalhou como

tipógrafo no Jornal do Comércio, criou junto ao amigo Bittencourt a Revista Litteraria e, em 1895, juntou-se a Caldas Júnior e Mário Totta para fundar o Correio do Povo. Lá, trabalhou em várias áreas do periódico e, aos domingos, assinava uma crônica na última página, com o título de Semanário do Leo Pardo. A jornalista Brenda Vidal pesquisou as crônicas do livro em seu trabalho de conclusão de curso na Ufrgs. “Eu destacaria a erudição como uma das suas principais características. Escolho essa palavra porque, nos séculos XIX e XX, escrever bem era sinônimo de ser erudito. Além disso, ressalto o caráter poético das crônicas dele, que é marcadamente sensível. Em muitos momentos, ele coloca o leitor na cena, permitindo que veja o

que ele está vendo e compreenda seu ponto de vista. E saliento também a capacidade crítica de Paulino, que dialoga estrategicamente com a elite, mas sem perder a conexão com o popular”, explica.

Mesmo sendo um jornalista e cronista respeitado e celebrado na sua época, a memória de Azurenha acabou não tendo o cuidado necessário. “O ‘esquecimento ou apagamento’, também identificado pelos historiadores como silenciamento ou invisibilização da trajetória de personagens negros, como Paulino Azurenha, foi um projeto nacional para deslegitimar as demandas por reparações políticas e sociais da população negra”, defende José Antônio dos Santos.

Uma informação que Cassio encontrou, mas não colocou na nota biográfica, refere-se a onde estão enterrados os restos mortais de Azurenha, morto em 1909. “Em 1917, a turma de jornalistas amigos dele resolveu fazer um jazigo perpétuo para ele no cemitério da Santa Casa, na parte histórica. Está abandonado, mas é possível ver o nome dele”, diz.

Leia mais na página central



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Balanço das artes em 2024 - I

Um balanço do ano pode ser feito sob muitas perspectivas. Em geral, esta coluna faz um levantamento dos espetáculos apresentados na cidade, durante a temporada. Neste ano, contudo, prefiro trazer ao leitor uma primeira coluna que relembre acontecimentos importantes, bons ou maus, a começar, claro, pela enchente de maio e junho. O episódio, de certo modo, desestruturou toda a programação artística, aqui compreendida a das artes cênicas.

Tivemos uma série de espaços culturais invadidos pelas águas. Dentro da responsabilidade municipal, o Centro Municipal de Cultura, abandonado na gestão anterior de Nelson Marchezan, acabou definitivamente prejudicado com as águas que invadiram inclusive casas de máquinas daqueles dois teatros, o Renascença e o pequeno espaço de câmara ali existente.

Também a Usina do Gasômetro, que vive uma novela mexicana para a conclusão de suas obras, teve de ser refeita em muitos aspectos. E quando recebeu seu primeiro grande evento, a posse do próprio prefeito municipal, teve a energia cortada, por força de um temporal, em mais um episódio que envolve a incompetente e pouco responsável empresa que assumiu o fornecimento de energia elétrica em nossa Capital.

No âmbito dos espaços atinentes ao governo do Estado, a Casa de Cultura Mário Quintana foi fortemente danificada em toda a sua estrutura e, por consequência, em seus dois teatros, o Carlos Carvalho e o Bruno Kiefer. Uma iniciativa da Secretaria de Estado da Cultura e do Bannisul, contudo, garantiu alguns milhões de reais que permitiram a recuperação de boa parte dos monumentos danificados pelas cheias, aí incluídos os teatros. Com isso, a CCMQ retomou com certa rapidez a sua programação.

O Teatro São Pedro, por estar localizado no alto de uma colina em que se concentram os prédios dos poderes públicos, foi poupado pela enchente, ainda que, para variar, a falta de energia elétrica tenha feito com que o terceiro subpiso do estacionamento tenha sido invadido por águas de esgotos que eram jogados a partir das redes pluviais. Felizmente, logo que a energia elétrica retornou - e isso foi relativamente rápido, porque envolvia o Palácio do Governo - o teatro acionou suas bombas e logo o espaço estava recuperado.

O velho Teatro do Ipê, situado próximo

à Borges de Medeiros, ainda que sem estar funcionando há quase uma década, tinha a retomada de suas obras programada pela Sedac, o que acabou atrasando, mas não sendo abandonado. Assim, pretende-se que, ao longo de 2025, aquela simpática sala possa retornar às atividades.

O Teatro de Arena, pelo mesmo motivo de se situar na parte alta de cidade, foi poupado pelas chuvas e, neste caso, também pelos esgotos, o mesmo ocorrendo com o Teatro do CHC Santa Casa. Deste modo, a cidade ficou, num primeiro momento, apenas com dois espaços disponíveis, já que o Teatro de Arena já estava fechado para obras de recuperação. Sobrou-nos o espaço do Teatro São Pedro - e seu espaço mais jovem, o Teatro Olga Reverbel - e o da Santa Casa. Já no segundo semestre, as duas salas da CCMQ foram reabertas.

Evidentemente que o fechamento dos teatros não foi o único problema. Boa parte dos grupos artísticos da cidade foram afetados pela enchente, pois possuíam sedes em regiões cujas locações são mais baratas, e estas sofreram a invasão das águas. Seja como for, iniciativas da Assembleia Legislativa e do governo do Estado (este numa ação decisiva e efetivamente bastante influente), além de algumas ações do governo federal, através do Minc, buscaram dar apoio para que tais agrupamentos retomassem suas atividades. O resultado foi uma série de festivais promovidos sobretudo no Teatro São Pedro, garantindo, ao público, espetáculos gratuitos e, aos grupos, cachês de valores bastante superiores aos comumente praticados no mercado.

Por fim, o fluxo de espetáculos do centro do País sofreu um prejuízo significativo, sobretudo com o fechamento do Aeroporto Salgado Filho. Só nos últimos meses do ano, algumas companhias ousaram viajar para o Sul, assim mesmo enfrentando dificuldades de patrocínio e apenas quando o aeroporto começou a funcionar com maior regularidade, pois os custos de locomoção e transporte de cenários se mostraram extremamente onerosos.

Em resumo, foi uma temporada muito difícil, mas onde um sentimento de cooperativismo e de vontade de voltar a fazer comandou os esforços de todos, resultando, ao final de contas, numa agenda que, sobretudo no segundo semestre, foi bastante dinâmica.



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

Tirania: origens e métodos

Três filmes produzidos recentemente e premiados em diversos festivais, além de frequentadores de cerimônias de premiação anuais em vários países, estão em exibição na cidade. Dois deles, *Ainda estou aqui* e *Tudo que imaginamos como luz*, há algum tempo; o terceiro, *A semente do fruto sagrado*, aparecendo como o primeiro lançamento importante do ano. Mais do que isso, a obra dirigida por Mohammad Rasoulof é um dos grandes, talvez o maior, de todos os filmes lançados aqui nos últimos meses. Assim como os outros dois, um brasileiro e outro indiano, esse trabalho, realizado clandestinamente no Irã e assumido pela Alemanha que o indicou para a disputa do Oscar internacional, trata do tema da opressão e coloca mulheres no centro do drama. O fato do diretor ter se exilado naquele país europeu, depois de uma fuga de sua nação de origem, onde já havia sido condenado antes por posições contrárias à política dos aiatolás, deu direito às autoridades do cinema germânico indicarem o filme. Trata-se de um trabalho excepcional, dotado de força incomum em sua denúncia das arbitrariedades praticadas principalmente contra mulheres, partindo de um caso verídico em que uma jovem, por usar de forma não autorizada o véu e deixando à mostra parte dos cabelos foi conduzida a uma delegacia onde teria morrido após ter sido torturada. O regime alega que ela sofreu um ataque cardíaco, mas o fato deu origem a protestos classificados pelo governo como organizados por desordeiros. Muitos vídeos registrando os protestos são utilizados por Rasoulof em seu filme, o que faz que ele se transforme, em alguns momentos, num documentário sobre a repressão.

Distante de qualquer maniqueísmo e superficialidade, o filme é duro na crítica, mas não se limita a um ataque oportuno e corajoso à teocracia. Ao colocar uma família no centro da narrativa, o filme desenvolve e aprofunda o tema da agressividade desde o começo, quando o pai, um funcionário da justiça e homem que procura se manter íntegro e justo, é promovido e passa a ter direito de portar uma arma, que ele, com certo orgulho, mostra para a esposa, como se tal objeto fosse um símbolo

de sucesso e poder. Depois que ele fica sabendo que seu antecessor fora dispensado por se negar a assinar uma pena de morte claramente injusta, passa a se adaptar às regras dominantes, a fim de manter sua posição. É o momento do choque de gerações e de ser exposta a contradição de um regime autoritário conviver com modernas tecnologias de comunicação entre pessoas não devidamente controladas. É dentro da própria família que o drama maior se desenvolve. A mãe tenta controlar a insatisfação das filhas e o drama do marido, que aos poucos vai sendo dominado pela tirania e tomado por uma agressividade que a companheira, mesmo cortando o cabelo deste Sansão dominado pelo mal, não consegue controlar. O notável neste filme admirável é que seu realizador se aproxima da violência ao mostrar sua origem no núcleo fundamental, quando este se transforma em cenário erguido pela inversão de valores: a violência no lugar da disciplina, a brutalidade em vez da busca de um diálogo esclarecedor.

E há momentos em que dificilmente deixarão o espectador indiferente, como o que registra a brutalidade e seus efeitos no rosto de uma menina e o interrogatório das três mulheres, feito por um amigo da família, então transformado em burocrata indiferente a qualquer pedido gerado pelo medo. Eis um filme que enquadra com rigor qualquer regime autoritário, certamente porque o liga a impulsos cuja origem se encontra no ser humano acuado e transformado em indivíduo ameaçado. O cenário da sequência final transfere a ação para um mundo primitivo, ainda não disciplinado pela civilização. Foge, portanto, de acusações destinadas a expor apenas distorções e atrocidades transformadas em rituais permitidos por leis não escritas. Alguns cineastas iranianos costumavam utilizar crianças como personagens controlados para falar do autoritarismo. Mas agora, com este filme poderoso e incomum, o cinema fala diretamente ao espectador sobre os métodos do despotismo. Utiliza um país para falar do mal maior. Mas não se deixa enquadrar por limites. A denúncia é direta e também universal.

fique ligado

A luz do Lamparina brilha forte em Porto Alegre



SARAH LEAL/DIVULGAÇÃO/JC

Banda mineira promove seu recente álbum *Original Brasil* em apresentação no Opinião neste domingo

O Lamparina, um dos principais nomes da música brasileira contemporânea, vai se apresentar pela primeira vez em Porto Alegre. O grupo, que segue em excursão com o repertório do recente *Original Brasil* (2023), subirá ao palco do Bar Opinião (av. José do Patrocínio, 834), no domingo, às 20h, para um show contagiante e repleto de *swing*. Os ingressos partem de R\$ 55,00, no Sympla.

Além dos sucessos *Menina*, *Fez a Onda* e *Boca com Boca*, a banda também vai incluir no *setlist* faixas do seu primeiro álbum, intitulado *Manda Dizer* (2018), e alguns singles, como são os casos do viral *Não Me Entrego Pros Caretas* e dos recém-lançados *De Novo* e *Besteira Minha*. As duas músicas abrem caminho para o próximo álbum do Lamparina, que chegará aos serviços digitais em 2025.

Formada em 2018, o Lamparina é uma banda mineira que tem despontado no cenário nacional com canções que transitam entre a MPB e o pop, mesclando sonoridades repletas de brasilidade. O grupo é composto por Marina Miglio (vocal), Cotô Delamarque (vocal e guitarra), Stênio Galgani (guitarra), Calvin Delamarque (baixo), Bino (percussão) e Thiago Groove (bateria).

Cinco décadas de música brasileira

Nomes fundamentais da música brasileira, os multi-instrumentistas Vinicius Cantuária e Dadi Carvalho estarão juntos no palco do Espaço 373 (Comendador Coruja, 373), sexta-feira e sábado, às 21h, com muitos causos musicais, hits e um repertório com canções autorais e de ícones como Jorge Ben Jor, Rita Lee, Marcos Valle e Gilberto Gil. Para marcar a passagem na Capital gaúcha, eles convidam o baixista italiano Paolo Andriolo e Jesse

Harris, cantor e grande compositor americano mundialmente reconhecido pelo sucesso *Don't know why*, na voz de Norah Jones e vencedor do Grammy em 2003. Ingressos, de R\$ 21,00 a R\$ 80,00, no site do Porto Verão Alegre.

Falar de Vinicius Cantuária e Dadi Carvalho é falar dos últimos 50 anos da música brasileira. O primeiro integrou os grupos O Terço e A Outra Banda da Terra, que acompanhou Caetano

Veloso, e escreveu sucessos como *Lua e Estrela*, *Só você* e *Cheio de Amor*, eternizados por ele, Caetano Veloso, Fábio Jr., antes de se estabelecer no circuito de jazz nova-iorquino. Integrante d'A Cor do Som, Dadi já fez parte das bandas Novos Baianos, Barão Vermelho, Tribulistas e de Rita Lee, toca com artistas como Marisa Monte e Jorge Ben Jor e foi homenageado por Caetano com a célebre música *O Leãozinho*.

Discutindo novos caminhos da MPB

Projeto virtual que discute grandes obras da música popular brasileira, o Obras Comentadas inicia sua temporada 2025 neste sábado, recebendo os músicos Vicente Barreto e Rafael Barreto para um bate-papo sobre o álbum *Na Força e Na Fé*, lançado no segundo semestre do último

ano. A conversa, com realização do Centro Cultural 25 de Julho de Porto Alegre, poderá ser acompanhada gratuitamente, às 16h, pelo canal do YouTube do músico Felipe Antunes, apresentador e idealizador do projeto.

O disco é o 13º álbum autoral de Vicente Barreto, e con-

ta com participações especiais de Alceu Valença, Chico César e Zeca Baleiro, além de parcerias com Zeh Rocha, Sonekka e Renato Teixeira. Produzido por Rafael Barreto, filho de Vicente, o trabalho chegou ao público pela Saravá Discos, com distribuição da ONErpm.

Tonho Crocco em agenda de verão em Atlântida

A programação cultural de verão do Ramblas Atlântida (Av. Central, 2.060 - Xangri-Lá) continua neste sábado, às 21h30min, com a presença do cantor Tonho Crocco no Palco Ulbra Multi RS. A apresentação tem entrada franca.

Entre os nomes mais importantes da música do Rio Grande do Sul e com 30 anos

de carreira, Tonho ficou nacionalmente conhecido como vocalista e compositor da Ultramen. Paralelamente, desenvolveu sua carreira solo já tendo lançado dois álbuns e um EP. Também é o vocalista da banda Tributo a Tim Maia, com a qual já realizou shows em todo o Brasil, duas turnês nos Estados Unidos e uma na Europa.

Orquestra de Brinquedos em temporada de férias

A Orquestra de Brinquedos retorna ao Teatro São Pedro (Praça Mal. Deodoro, s/n) para uma temporada de férias no sábado e domingo, às 15h. Os ingressos estão à venda no site do teatro, a partir de R\$ 40,00. A Orquestra de Brinquedos é composta por cinco talentosos músicos vestidos como soldadinhos de chumbo: Abacaxi, Veterano, Grandão, Soldadinho e Capitão. Eles apresentam um espetáculo musical inteiramente realizado

com instrumentos de brinquedo, criando arranjos divertidos e criativos que encantam crianças e adultos.

Os destaques do repertório incluem clássicos como *Marcha Soldado* e *Alecrim* que trazem nostalgia e alegria, canções folclóricas como *Peixinhos do Mar* e até mesmo obras de compositores consagrados, com interpretações únicas da *Nona Sinfonia* de Beethoven e *Danúbio Azul* de J. Strauss.



ALEX RAMIREZ/DIVULGAÇÃO/JC

Espectáculo promete divertir todas as idades no Teatro São Pedro

Festa rock com bebida liberada no Opinião

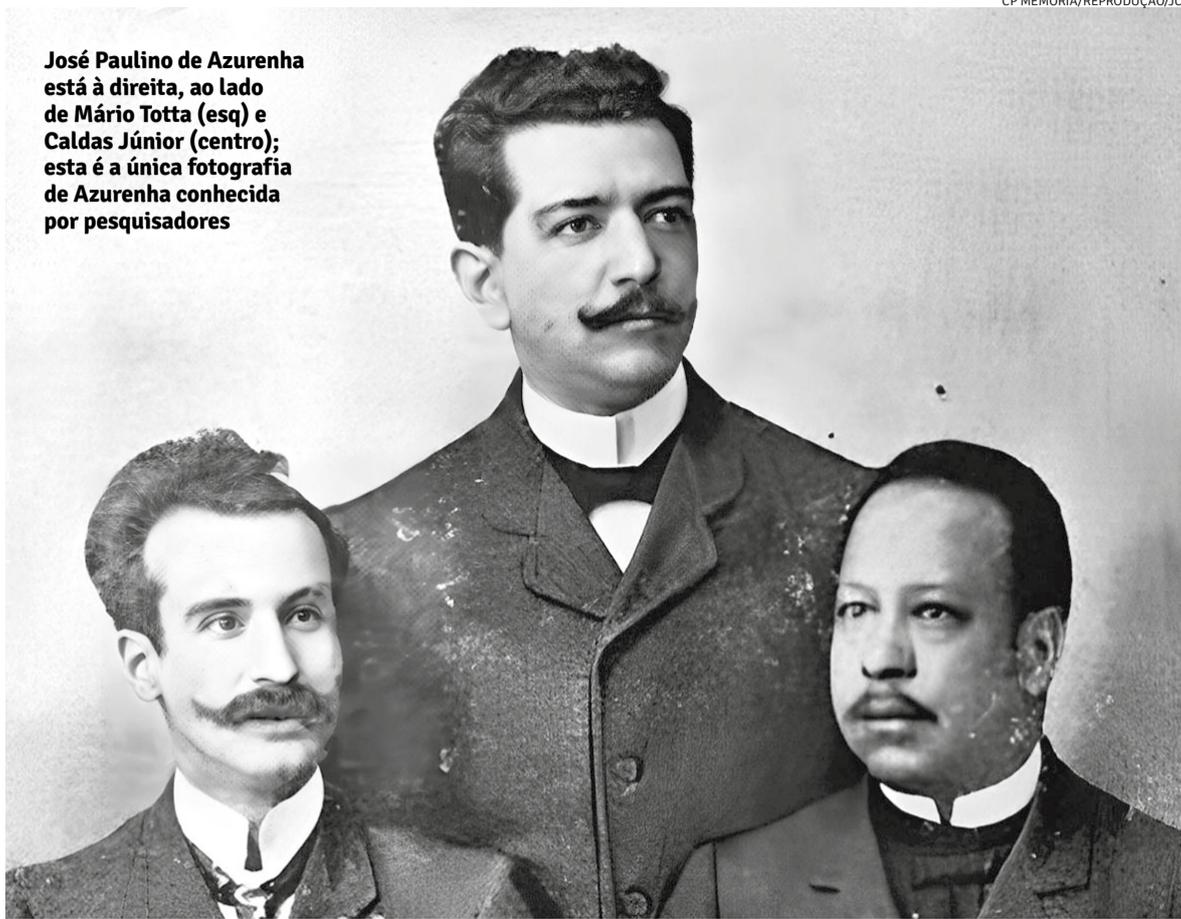
Tradicional festa do público roqueiro de Porto Alegre e região, a Rock N' Bira terá sua primeira edição de 2025 neste sábado, a partir das 23h, no Opinião (Rua José do Patrocínio, 834). Além do show autoral da banda Hipercubo, que abre a noite, vão ao palco tributos a quatro bandas seminais do

hard rock: Guns N' Roses (Crazy Guns), Bon Jovi (Crush Bon Jovi), Aerosmith (Pump) e Skid Row (Roadkill). Nos intervalos, Ricardinho F. e Barbosinha conduzem o som com o melhor do rock internacional. Ingressos para a festa, com direito a *open bar*, estão em segundo lote, a R\$ 119,00 no Sympla.

reportagem cultural

CP MEMÓRIA/REPRODUÇÃO/JC

José Paulino de Azurenhu está à direita, ao lado de Mário Totta (esq) e Caldas Júnior (centro); esta é a única fotografia de Azurenhu conhecida por pesquisadores



As crônicas celebradas

Rafael Gloria*

Para a jornalista Brenda Vida, pesquisar as crônicas de Azurenhu no livro *Semanário de Leo Pardo* foi um momento lotado de significados. “Um sentimento de contribuição política, de afirmação enquanto estudante cotista por escola pública, enquanto estudante cotista por raça, então, esse compromisso foi uma afirmação de um compromisso político do tipo de trabalho que eu queria deixar. Senti que era uma missão de militância enquanto pessoa negra”, diz. A obra de Azurenhu, infelizmente, é pouco pesquisada academicamente.

A coletânea faz uma curadoria do que ele produziu como cronista. Segundo Brenda, é importante destacar a versatilidade dos temas que Paulino aborda. A análise permitiu identificar três eixos principais de maior recorrência. O primeiro é a natureza, com textos que exploram a relação humana com o meio ambiente. O segundo eixo reúne reflexões sobre política, sociedade e desigualdade, apresentando um olhar crítico sobre questões sociais. Por fim, o terceiro tema, morte e vida, inclui crônicas dedicadas a obituários e biografias.

Segundo Brenda, Paulino de Azurenhu aborda o fim da escravidão e o racismo em suas crônicas com uma perspectiva crítica, aprofundada e profundamente subjetiva. “Ele celebra o fim da escravidão, mas denuncia as prá-

ticas racistas e os desdobramentos desse sistema, como a forma como ser negro define os lugares sociais ocupados. Ele humaniza as pessoas negras e traz um olhar popular”, destaca.

Entre os temas tratados por Azurenhu, Brenda destaca uma crônica sobre as amas de leite. “É sobre as mulheres que precisavam dar o seu leite, em sua grande maioria mulheres negras, para alimentar crianças brancas, normalmente crianças das famílias que as possuíam, e não podiam alimentar com leite os seus próprios filhos. E ele vai nesse lugar, então é uma crítica aprofundada que passa pelo coletivo, mas que humaniza muito também”, diz.

O cronista também expõem as hipocrisias das leis abolicionistas, como a Lei do Ventre Livre. Ele denunciava que a suposta liberdade dos filhos das mulheres escravizadas mantinha as mães na escravidão e condenava as crianças a um futuro incerto.

Lúis Augusto Fischer lembra que Azurenhu praticava uma crônica mais extensa, e o fato de escrever um texto por semana significava que ele tinha mais tempo para polir o texto. “Ele conseguiu uma mescla entre fatos do presente, que ele menciona sempre, com reflexões mais de fundo, mais filosóficas, mas nunca com ironia, com deboche. Ele levava a sério a conversa, e me parece que queria convencer pela seriedade”, avalia.

Entre as crônicas que Brenda comenta que lhe marcaram está

a de 29 de junho de 1907, onde Azurenhu fala sobre a despedida do inverno. “Ele vai trazer um olhar sobre o alívio que sente pelo fim da estação e vai dividir o inverno entre dois tipos: o elegante, que seria o vivido pelo rico, e o do pobre. Ou seja, como a classe social e as desigualdades sociais interferem na experiência do inverno e fazem com que, para as populações mais abastadas, ele seja elegante, seja charmoso e até agradável, mas o quanto ele é uma sentença de sofrimento para aqueles que estão na rua ou que são mais pobres”, explica.

O professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro Alexandre Lazzari teve acesso à série completa das crônicas de Azurenhu em 2004 durante seu doutorado pela Unicamp. Ele aponta que um ponto crítico é o acesso ao acervo do Correio do Povo, jornal onde Azurenhu publicou grande parte de suas crônicas. “O único acervo completo que conheço pertence à empresa que comprou o jornal, e ela não parece interessada em torná-lo acessível a pesquisadores”, denuncia. Ele defende que a memória literária de Paulino de Azurenhu e de outros escritores deve ser tratada como patrimônio cultural público. “Não pode pertencer unicamente a uma empresa privada que impede o seu conhecimento. Esses textos são parte fundamental da história cultural do Rio Grande do Sul.”

Travessias em edições

Criado há cerca de três anos, o Estúdio Mar Edições atualmente é composto pela diagramadora Aline Gonçalves e pelo editor Alex de Cassio. Ele conta que o projeto nasceu da simples vontade de se juntar para fazer uma editora com o conhecimento de ambos, somado com o do artista plástico Wagner Mello, que foi um dos co-fundadores. Sem capital inicial, mas com muitas ideias, o projeto ganhou forma e se consolidou como um trabalho independente.

Cassio diz que chegaram rápido na concepção da editora. “No início, flertamos com a publicação de livros de artistas, uma possibilidade devido a rede do Wagner, mas acabou não se concretizando. Mas pelo interesse comum, acabou sendo

natural o caminho da poesia e ensaios”, diz. Um dos livros lançados foi *O Gaúcho Era Gay? Mas Bah!*, do historiador Jandiro Adriano Koch, que aborda a existência e o apagamento de personagens gays na história do Rio Grande do Sul. A publicação é resultado de uma década de pesquisas do autor. A primeira edição é de junho de 2023.

O Semanário de Leo Pardo (Crônicas), de José Paulino de Azurenhu, inaugura também a coleção Meu tempo é hoje, que pretende reeditar obras que, por diversas razões, ficaram perdidas no tempo. Cassio conta que a realização dessa coleção deve-se muito também ao professor Luís Augusto Fischer, coordenador desses volumes. “Lembro de ler as colunas que ele escrevia

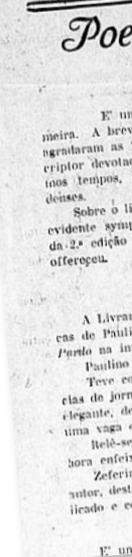
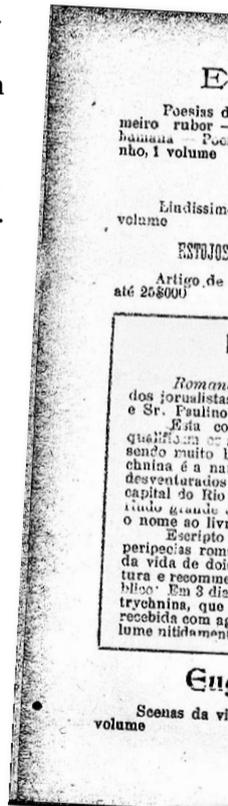
Os sentidos de Leo Pardo

Nada é por acaso para um homem como José Paulino de Azurenhu, muito menos o pseudônimo que utilizava em suas crônicas. Para a jornalista Brenda Vidal, a escolha pode ser vista também como uma estratégia de proteção. “Ele era tido como uma pessoa super reservada. E vemos que, nas crônicas, ele tem um caráter mais ácido, uma leitura social crítica, ironia, posicionamento. Até para que ele pudesse, a partir do Leo Pardo, sustentar opiniões mais críticas sem acabar arriscando tudo o que ele significava enquanto Paulino”, diz.

O professor José Antônio Santos diz que Leo Pardo aponta a ambiguidade de um não-lugar como mestiço brasileiro. “Ou, ‘nacional’, como se dizia à época em contraponto aos imigrantes, ao mesmo tempo em que mantinha postura afirmativa ao se identificar como ‘pardo’, resultado das relações escravistas. Sem dúvidas isso tinha um sentido político, o que lhe granjeou alguns dissabores, mas também o interesse dos leitores que descobriram nos seus escritos um talento literário que foi reconhecido em vida”, acredita.

Segundo Luís Augusto Fischer, uma assinatura nunca é “pouca coisa” no mundo da autoria intelectual e artística. “Ao que tudo indica, o ‘Leo Pardo’ foi uma maneira ao mesmo tempo afirmativa (eu sou uma pessoa parda) e ligeiramente provocativa - em vez de escolher como pseudônimo algo inofensivo e anódino, ele coloca na assinatura um termo que, naqueles tempos pós-Abolição, convocava a atenção.”

O pesquisador Alexandre Lazzari ressalta que a identidade de homem negro sempre foi afirmada na obra do cronista no Correio do Povo. “Suas crônicas frequentemente exaltavam figuras negras, desde José do Patrocínio até as quitandeiras do Mercado Público, e ironizavam ideias de superioridade racial. Vale destacar a importância que ele atribuía às comemorações da libertação dos escravizados, chegando a considerar que o 13 de Maio representava a mais importante data nacional, de significado e valor superiores mesmo à recente proclamação da República. Ainda assim, ressaltou o nosso cronista Leo Pardo, as cadeias e os cadastros policiais passaram a ocupar o papel opressor das antigas senzalas...Ou seja, ele não omitiu sua posição diante da injustiça e da discriminação racial, apesar dos limites que a atuação em uma imprensa comercial voltada para um público leitor majoritariamente branco colocavam”, destaca.



MAYRA SILVA/DIVULGAÇÃO/JC



Relançamento de *Semanário de Leo Pardo*, pela Estúdio Mar Edições, aconteceu no último mês de dezembro

no caderno de cultura do jornal Zero Hora e ficar muito interessado quando ele falava sobre esses livros do passado e que agora eram quase esquecidos”, diz. O editor do Estúdio Mar também foi seu aluno no curso de Letras.

Então, quando Cassio entrou em contato com Fischer, o professor logo se empolgou com a ideia. Em 2022, começaram as primeiras reuniões para decidir autores e seus livros a serem relançados. “Nas reuniões, percebemos que o José Paulino de Azurenhia se sobressaiu. Eu já tinha lido o *Estrychnina*, tinha lido as crônicas dele, um escritor negro, um dos fundadores do *Correio do Povo*, completamente esquecido. Essa é a figura que a gente tem que valorizar, recuperar a memória”, diz. O projeto é apoiado pela Lei Paulo Gustavo, via Secretaria de Cultura do Estado.

Para a reedição do *Semanário*

de *Leo Pardo*, publicado pela primeira vez em 1926, foi utilizado o exemplar disponível no setor de pesquisa da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul. Cada página foi fotografada para o trabalho de atualização ortográfica e composição das notas. Entretanto, uma das grandes dificuldades da pesquisa foi não ter conseguido acesso ao arquivo do jornal *Correio do Povo* para a pesquisa em edições anteriores a 1940. “Não só pelas outras crônicas, mas porque ele escrevia muitas reportagens, matérias... Nos primeiros anos eram só os três, então, deve ter muito texto dele ali, inclusive sobre questões políticas”, explica. Até o fechamento desta matéria, Alex de Cassio diz que nada mudou: a solicitação chegou até ao chefe de redação e não teve resposta. “Ainda vou tentar levar um exemplar e ver se alguém me recebe pessoalmente”,

reforça o editor.

Em 2025, a Mar Edições vai lançar um segundo volume de textos de Azurenhia. “Ainda não há uma data, mas ele deve ser lançado entre junho e agosto. As crônicas que tenho até agora vieram da Biblioteca Nacional, que tem no acervo uma coleção

incompleta do *Correio do Povo* do período 1899-1909”, diz Cassio. Além disso, o pesquisador também já solicitou ao Museu da Comunicação o microfilme da *Revista Litteraria*, que Azurenhia e seu amigo Aurélio Virissimo de Bittencourt criaram e circulou entre 1891 e 1892. “Esse conjunto

de materiais será suficiente para compor o livro”, diz.

Além dos livros, a programação vai incluir atividades em escolas municipais, a produção de um mini documentário e ações em locais do centro da cidade que o autor costumava frequentar.

Uma Porto Alegre em transformação

Mas como era a Porto Alegre em que Azurenhia viveu, no final do século XIX e início do século XX? Para Alexandre Lazzari, Azurenhia foi um cronista de uma sociedade em transformação. “Porto Alegre era capital do novo estado republicano, e pensada como uma vitrine desse projeto, vista como destinada a ostentar a economia industrial, a pujança mercantil e a urbanização moderna. Com boa parte da população já oriunda da imigração europeia, a cidade se

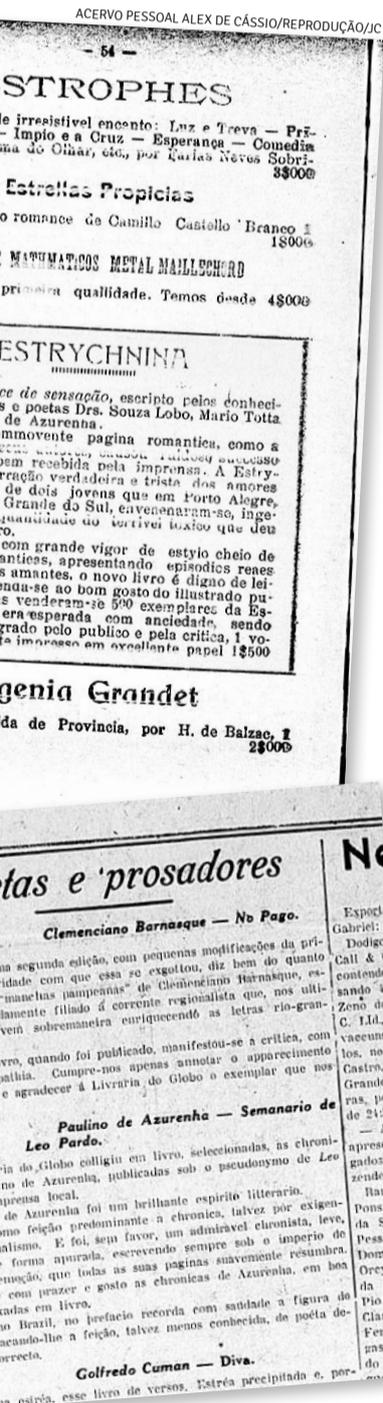
embranquecia e empurrava para a marginalidade de arrabaldes, becos e áreas baixas e alagadiças os trabalhadores negros da era pós-abolição”, diz.

José Antônio dos Santos fala sobre a importância de outros exemplos negros na vida de Azurenhia. “A imprensa negra, como o jornal *O Exemplo*, dentre outros, deixou largo registro de aprendizes de tipógrafos que ascenderam na profissão e se tornaram escritores e fundadores de seus próprios

jornais. Ainda durante a escravidão, por influência de abolicionistas negros como Luiz Gama e José do Patrocínio, muitos se utilizaram da educação como um dos principais meios de acesso à melhores postos de trabalho, assim como busca de respeito e integração social e política”, explica.

Em 1998, foi relançado uma nova edição do romance *Estrychnina*, escrito originalmente em 1897 por Azurenhia, Mario Totta e Souza Lobo. Na época, o professor

Luis Augusto Fischer foi o responsável pelo lançamento. Ele diz que o que o fascinou foi justamente o retrato de época na cidade. “Há cenas fascinantes, como, por exemplo, um passeio noturno de pessoas na praça da Alfândega, que recém experimentava o serviço de iluminação elétrica. Há o relato de uma viagem de bonde, ainda puxado a burros, desde o centro até um “distante” bairro, o Menino Deus, que igualmente me pareceu sensacional”, completa.



Trecho de uma crônica que integra o *Semanário de Leo Pardo*, coletânea de crônicas de José Paulino de Azurenhia

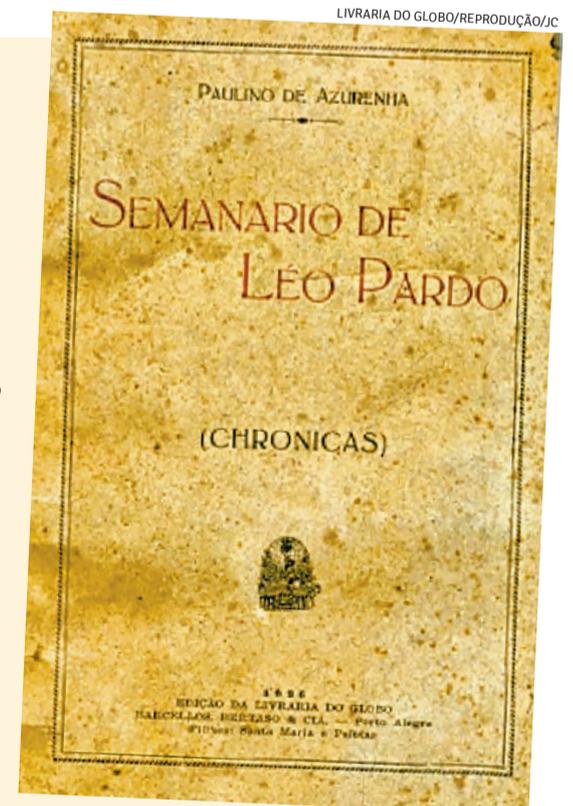
12 de agosto de 1905

Cheia. A bacia do Guaíba de novo transborda. E não é só ela: todo o seu estuário, intumescido, regurgitando, extravasa.

É o majestoso Jacuí, que, como um senhor feudal, de tão longe vem, atravessando campos e vales, recebendo aqui a servidão de humildes arroios vilões, além o tributo de rios fortíssimos, quase tão poderosos como ele, mas que apressados, como o Taquari, descem dos seus castelos roqueiros, e lhe vêm ao encontro, na sua vagarosa passagem afim de lhe render preito de vassalagem e pagar páreas de tributário...

É o Cai, também das serras descido, porém com assomos de certa independência prosseguindo em seu caminho, desviando-se o mais possível dos territórios assenhoreados pelo seu poderoso rival, evitando assim ver-se coagido a prestar-lhe homenagem, e vindo assim, como pequeno mas arrogante senhor, diretamente trazer a sua pingue contribuição ao soberano comum...

E o dos Sinos, outro cioso da sua autonomia, como um mercador de comuna rica, sempre fugindo, com arte e manha a toda imposição e a toda espoliação: aqui torcendo, ali correndo, além parando e descansando e negociando junto a uma cidade, para logo depois continuar seu itinerário, cheio de surpresas e peripécias, de voltas e torcicolos, de ambages e circunlóquios, de rodeios e sinuosidades, e vindo, afinal, ao grande mercado despejar os seus odres e refazer os seus alforjes...



Rafael Gloria é jornalista, mestre em Comunicação (Ufrgs) e editor do site Nonada Jornalismo.

nas telas



Longa dirigido por Leigh Whannell revisita personagem clássico do horror

Um lobisomem espreita lá fora

Dirigido e roteirizado por Leigh Whannell (O Homem Invisível), o longa *Lobisomem* chega aos cinemas prometendo revitalizar um dos mais notórios personagens do imaginário do terror. O longa apresenta a história de Blake, marido e pai que herda sua casa de infância na remota zona rural do Oregon, após seu pai desaparecer e ser dado como morto. Ciente do atual desgaste de seu casamento com a

enérgica Charlotte, Blake convence a esposa a dar um tempo de São Francisco e aproveitar para visitar a propriedade com a pequena filha do casal, Ginger. Mas quando a família se aproxima da casa da fazenda ao cair da noite, eles são atacados por um animal invisível e, em uma fuga desesperada, acabam se trancando dentro da casa, numa espécie de barricada de proteção, já que a criatura continua lá fora.

Os últimos dias de uma rainha da ópera

Estrelado por Angelina Jolie, o aguardado longa-metragem *Maria Callas*, do diretor Pablo Larraín, chega às telonas contando a história de uma das maiores cantoras de ópera de todos os tempos. O filme revela o que há por trás da fama da cantora lírica que dá título ao trabalho, representando a vulnerabilidade da mulher real, conforme vai reimagi-

nando seus últimos dias de vida. Recepcionada com muitos aplausos pelo público na sua estreia mundial no Festival de Veneza, a produção audiovisual é forte candidata à temporada de premiações, especialmente pela performance da atriz norte-americana, que já foi reconhecida com indicações ao Globo de Ouro e Critics Choice Awards.

Tudo acontece em um só lugar

Nova obra do diretor Robert Zemeckis, *Aqui* chega aos cinemas trazendo Tom Hanks e Robin Wright nos papéis principais. O filme narra a história de uma sala e seus diferentes ocupantes ao longo de milênios, utilizando esse espaço singular para ilustrar as transformações de diferentes épocas, desde os primórdios da humanidade. Com apenas

um único enquadramento durante todo o filme, a obra leva o público a uma jornada através do tempo e das transformações vividas por este único lugar, mostrando as diversas famílias que já viveram ali. Cada cena não só reflete o passar do tempo, mas também revela as profundas conexões humanas que surgem em um ambiente em constante mudança.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Aborrecido; entediante	Epíteto de João Cândido, líder da Revolta da Chibata	Guia de navegantes			Cada divisão da peça teatral (?) da Seda, polo sericultor do PR	Deus servido pelas Valquírias (Mit.)	Conjunto de instituições que impactam a gestão da política monetária nacional
Agitados; irrequietos	Lua de Júpiter coberta de enxofre			Banco do Vaticano (sigla)	Atuou em "As Bruxas de Eastwick"		Transtorno Obsessivo-Compulsivo
Desleixado							
		Risco que corre o alpinista no Everest	Devotos; religiosos			Mantra que é o som do infinito	
O peixe, no carapaccio	A pessoa ímpia		O "eu" racional			Dignidade papal (p. ext.)	
Arcaico	Volumes impressos			Relações Internacionais (sigla)		A cabeça que é "oficina do Diabo"	Preceptor de crianças ricas
Blusa de ginástica			Arte marcial de origem israelense		Batalha da Guerra do Paraguai (Hist.)		
Pensar muito em					Chuva, em inglês		
Não, em inglês			Mulher praticante da equitação				
Parque florestal						Fator que agrava a pena (jur.)	Coritiba (?) Ball Club, time do Paraná
Tecido usado na confecção de bonês	Bebida do pavê				Capitão-?, título do donatário		
	Cerne; âmago						
			Potifar, em relação a José (Bíblia)				Cornélio Nepos, historiador latino
						Fator variável no mimetismo	
Oitavo álbum de estúdio dos Titãs							
Peça teatral de Molière							

BANCO 3/not. 4/foot — rain. 8/krav maga.

18

SEUS PASSATEMPOS PREFERIDOS SEM SAIR DE CASA

#FaçaCoquetel | @coquetel

ASSINE AGORA! | www.coquetel.com.br

Solução

O	T	N	E	R	V	A	V	O		
R	O	C		O	G	N	I	M	O	D
I	O		O	M	A	W	I	B	R	
F	E									
C	I		V	A	R	V	S	R	E	R
V	N	Z	V	A	M	A	T	O	N	
N	I	V	A	I						
I	P	A	V	A						
F	R	I								
I	C	A								
W	O		H	O						
E	N	E	C	L	I	P	L	S	I	D
T	I									
S	O	D	O							
I	O	V	A	T	I	S	A	T	I	C
S										

horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

Áries: Um dia para você agir certo, tanto na vida em geral quanto particularmente nas questões profissionais. A intuição precisa e luminosa esclarece os passos em seu caminho.

Touro: Um dia de facilidade em aprender e concluir a respeito da verdade. Ideias elevadas e de alta compreensão vagueiam por sua mente, e deveriam orientar os seus gestos.

Gêmeos: Bom dia para os negócios e encontrar os apoios certos. A consonância e o favorecimento estão presentes nos assuntos práticos: no trabalho e nos acordos financeiros.

Câncer: Em suas relações, há pontos de convergência e interesses a serem desenvolvidos em conjunto. O idealismo estimula belamente o espírito romântico dentro de seu casamento.

Leão: O convívio nas tarefas rotineiras pode ser fonte de grandes alegrias, por aproximá-lo de pessoas e situações significativas e belas. Nada é à toa, hoje em seus relacionamentos.

Virgem: O Sol em bom aspecto com Netuno estimula o espírito místico e religioso, assim como estimula os sentimentos amorosos idealistas e talvez um tanto platônicos.

Libra: Boa oportunidade de experimentar o sentimento místico de união a algo maior, por meio da dedicação à família e às tarefas ligadas a ela. A vida prática terá algo de magia.

Escorpião: Você encontra um encanto especial em alguém ou algo que antes não lhe dizia muito. Mas tendência a idealizar demais as situações. As pessoas lhe impressionam bastante.

Sagitário: A realidade material e prática tem algo de mágico, ou ainda alguma graça especial. Há sinais importantes a serem lidos nas coisas simples. Também boa sorte nos negócios.

Capricórnio: Momento de se encontrar com pessoas especiais e de mostrar ser alguém especial para as pessoas queridas. A comunicação hoje ocorre no nível de inspiração e intuição.

Aquário: A compreensão irá trazer a você uma melhor relação com as condições materiais. O momento favorece compreender as limitações materiais que você tem encontrado.

Peixes: Sua disposição sonhadora e utópica é bastante estimulada. Um amigo ou alguém especial é a fonte desse estímulo. Tendência a se enlevar com os sonhos e os sorrisos.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Assombrosa narrativa pós-apocalíptica

Tormenta (Editora Intrínseca, 336 páginas, R\$ 59,90, tradução de Thais Brito), da jornalista, roteirista e escritora inglesa C.J. Tudor é, acima de tudo, um eletrizante romance e uma assombrosa narrativa sobre o que somos capazes de fazer para sobreviver.

C.J. Tudor é autora do *bestseller O Homem de Giz*, seu livro de estreia e um dos mais vendidos no Brasil em 2018 e 2019. A Editora Intrínseca também publicou da autora os livros *As Outras Pessoas*, *Garotas em chamas* e *Onze portas para a escuridão*.

Três vidas em risco. Um lugar seguro. Ninguém em quem confiar. Essa é a premissa do mais novo livro da autora, que se tornou fenômeno editorial no mundo por suas reconhecidas habilidades em criar enredos macabros. *Tormenta* está sendo considerada a história mais assustadora criada pela escritora.

Após um acidente numa nevasca, Hannah fica presa

com estranhos no ônibus que os levava ao Refúgio. Ela lidera o grupo, mas uma descoberta aterrorizante acontece. Quando o teleférico de Meg sofre uma pane, ela e os passageiros precisam criar um plano. O espaço é pequeno e há um assassino entre eles. Já Carter vive com certa tranquilidade no Refúgio, um porto seguro para sobreviventes. Uma falha no gerador transforma o local num pesadelo e revela segredos terríveis de seus hóspedes.

Os três são peças centrais do quebra-cabeça. Todos escondem algo. O passado pouco importa quando o amanhã pode não existir. “Ou você é mocinho, ou um sobrevivente. E o mundo está cheio de mocinhos mortos”, diz a narradora, sobre as três histórias terríveis que se conectam e levam a um desfecho de tirar o fôlego.

C.J. Tudor explora com grande habilidade os dilemas da consciência humana e traça paralelos sutis com



nossa realidade. Ao apresentar os dramas dos personagens complexos que vivem situações inimagináveis, a autora nos faz questionar sobre nossa capacidade de tomar atitudes drásticas em busca da autopreservação. C.J. Tudor pergunta: o que fazer quando o custo da sobrevivência é alto demais?

e palavras

VIDAS E MUNDOS DO GLOBETROTTER FLÁVIO DEL MESE

Quantas vidas pode alguém viver? Quantos lugares do planeta consegue visitar? Quantas pessoas e histórias alguém pode conhecer? Flavio Del Mese é um guri de noventa anos e, para contar tudo o que fez, seria necessário uma enciclopédia. Aos 16 fez as primeiras viagens: Bolívia, Pará, Manaus e Buenos Aires, onde foi *office boy* da Lloyd por dois anos. Com 17 Flavio tirou brevê de piloto, falsificando a idade. Com 19 anos Flavio torna-se piloto de provas automobilísticas. Aos 34 enviava fotos e escrevia para o Correio do Povo sobre corridas de automóveis a partir de Londres. Depois foi para a Rússia. Flavio trabalhou na Vemag, conheceu 60 países, fez dezenas de milhares de fotografias e nunca perdeu o encanto pela estrada.

Flavio Del Mese - Um nômade pelo mundo (Libretos, 272 páginas, R\$ 60,00), linda edição em papel couchê, conta com bela capa de Clô Barcellos, com a placa de metal de Xico Stockinger que ficava na frente do Studio de Flavio. Clô assinou também a edição, o design gráfico e a coordenação de produção e textos da consagrada jornalista, escritora, professora universitária e pesquisadora Susana Gastal. Temos uma obra que retrata as vidas, os caminhos, os trabalhos e, acima de tudo, mostra a alma de viajante encantado de Flavio, que já deve ter nascido com rodas nos pés. Dezenas de fotos em cores e em preto e branco do premiado Marco Nedeff e do acervo de Flavio completam o delicioso livro, que resultou de cinco anos de entrevistas e pesquisas feitas por Susana Gastal. No início do livro está

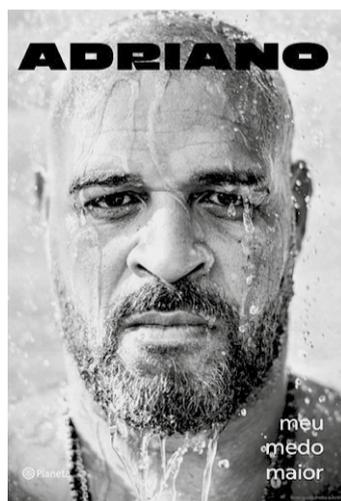
uma entrevista que Flavio concedeu ao jornalista Ney Gastal, em abril de 1987, para o Correio do Povo, que na época tinha o elegante tamanho *standard*, o que possibilitava uma entrevista de página inteira. Nela Flavio fala de família, automobilismo, fotografias, guerras e de como saiu de uma guerra para virar corretor de imóveis e produtor de audiovisuais.

Durante vinte anos, de 1979 a 2001, sem depender de verba pública alguma, Flavio manteve numa casa de esquina da José do Patrocínio o lendário Studio, no qual realizou 45 *slideshows* a partir de suas viagens pelo planeta. Com generosidade, simplicidade, simpatia, sorrisos e humor, Flavio mostrava slides, colocava trilha sonora e contava sobre países, cidades, encontros com pessoas, histórias, gastronomia, cultura e tudo mais que um viajante verdadeiro e curioso é capaz. Nada contra o turismo tradicional, os museus, monumentos, pontos turísticos e correrias. Cada um é cada um, ensinava Flavio, que gostava de flunar sem pressa pelas cidades, sentindo a graça do momento e, de repente, esbarrando com alguma catedral. Flavio gosta da frase portuguesa: “Temos que ter olhos de ver” e enfatiza a necessária curiosidade e as surpresas que as viagens podem nos proporcionar. As boas lembranças do Studio permanecem na memória afetiva dos porto-alegrenses e muitos frequentadores saíam das sessões motivados para viajar. Muitas vezes, no final dos *slideshows*, Flavio trocava ideias com os participantes sobre o infinito universo das viagens.

lançamentos



► **O mestre e o pasteleiro** (Versus Editora, 180 páginas), romance de estreia de Geverson Aparício Ferrari, formado em direito, oficial da Brigada Militar e palestrante para crianças vulneráveis, traz narrativas emocionantes baseadas em acontecimentos reais da família Ferrari, de Pato Branco - PR, que foi para a zona rural de Sapucaia do Sul. Geverson diz: a vida não é fácil, mas pode ser bela e estoicismo, persistência e virtude vencem pobreza, alcoolismo, pobreza e intolerância. Belo livro para sonhar e agir.



► **Adriano - meu medo maior** (Planeta, 604 páginas, R\$ 78,00), do jornalista Ulisses Neto, é a história de Adriano Imperador, um dos maiores futebolistas das últimas décadas. Da favela para o mundo. “Adriano tem uma história que merece ser registrada e lida. Vivemos em um mundo onde todos são pressionados a competir e vencer o tempo todo”, disse o grande Zico na apresentação.



► **Cidade Abstrata** (Libretos, 244 páginas, R\$ 75,00), do arquiteto, professor da Pucrs, escritor e poeta Flávio Kiefer, coletânea de textos publicados no portal Sler, fala de Porto Alegre, história, vida, arquitetura, passado, especulação imobiliária, sustentabilidade, presente e futuro e das sombras e luzes de uma cidade que precisa de nossos cuidados para um futuro digno.

a propósito

Parabéns Flavio pelas multitudes, parabéns Susana pelos magníficos “contiúdos” e textos competentes; parabéns Marco pelas fotos, e cumprimentos para a Clô pelos merecidos cuidados artísticos e editoriais. Rogério Mendelski, amigo do Flavio, disse: Como não ser fã de um gringo desses, além de amigo de todas as horas? Amos Oz disse

que as melhores pessoas são as curiosas e bem humoradas. É o Flávio, é verdade, e que bom que esse livro saiu com o Flavio ainda muito e extremamente vivo. Flavio diz que nasceu com um ano em Caxias. Ele é dez. Se tivesse nascido em Bento, seria 20. Viva nosso globetrotter! Longa vida e longas viagens para ele! (Jaime Cimenti)

pensando cultura

Lourenço & Lourival, 65 anos no sertanejo

LOURENÇO E LOURIVAL DIVULGAÇÃO/JC

Lourenço, 87, e Lourival, 85, são irmãos, mas quando falam parecem uma pessoa só. Como aponta Lucas Brêda, para a Folha Press, enquanto um discursa, o outro articula o complemento da frase num ritmo em que é até difícil determinar quem disse o quê.

É um entrosamento maturado durante toda a vida, mais conhecido dos duetos agudos e afinados dos sucessos sertanejos que deram a eles a alcunha de “vozes de cristal”. Em 2025, eles completam 65 anos de carreira, ostentando o título de dupla sertaneja há mais tempo em atividade.

É dessa posição que eles veem o sertanejo atual. “A música sertaneja tem história, mas essas músicas de hoje não têm história”, diz Lourival, ao que o irmão acrescenta: “Sertanejo tem que ser em dueto, primeira e segunda voz. Hoje, é uma voz só. Mas cada um faz o seu, cada um tem seu estilo.”

Bem-humorados, os irmãos respeitam a produção contemporânea do gênero. Dizem que, se os artistas têm público, então estão no caminho certo. Isso não significa que eles gostem dos sucessos atuais.

“Cada um tem seu estilo. Tem quem goste. Comprar, eu não compro”, afirma Lourival.

A opinião de Lourenço sobre as letras de ostentação é quase um conselho. “Ter dinheiro é bom, mas não é bom mostrar, né? Se ficar quieto, ninguém mexe com a gente. Não é bom se mostrar muito.”

Hoje em situação financeira confortável, os irmãos moram no mesmo prédio em Ribeirão Preto, região onde nasceram no interior de São Paulo, na zona rural. “Nosso dinheirinho nunca falta, graças a Deus. Hoje a gente está bem, já nem precisa trabalhar mais, mas a gente gosta de cantar”, diz Lourenço.

Em plena atividade, a dupla é celebrada como remanescente da música sertaneja de raiz, baluarte de uma era arcaica deste gênero em constante transformação. Eles não escondem a felicidade de terem participado recentemente do programa *Viver Sertanejo*, comandado por Daniel na TV Globo.

Também se derretem quando lembram das apresentações na última Festa de Peão de Boiadeiro, em Barretos, palco em que nunca haviam subido. Lourenço & Lourival foram convidados em dois shows - Edson & Hudson, para menos gente, e César Menotti &



Dupla formada pelos irmãos Lourenço, 87 anos, e Lourival, 85, é a mais longeva em atividade na música brasileira

Fabiano, para uma multidão.

“Já imaginou? Tinha umas 50 ou 60 mil pessoas. Quando nos anunciaram, tremeu até o chão. Na nossa época, era difícil, o circo não rendia que nem hoje, os cantores eram todos pobrezinhos”, eles afirmam.

De ascendência italiana, os irmãos foram criados no mato. “Nós mudamos muito de fazenda”, diz Lourenço. “O pai era meio nervoso. Se falasse alguma coisa que não gostasse, ele já dizia para ir embora. As galinhas já eram acostumadas, já cruzavam as perninhas para amarrar, botar no bambu e nós iam correr o mundo.”

Na infância, eles tocavam “uma violinha” e ouviam Zico & Zeca e Tonico & Tinoco no radinho de pilha. Pré-adolescentes, começaram a cantar. Ouviram de Barroso, locutor de rádio em Ribeirão Preto e cantor em dupla com Barreto, que deveriam ir a São Paulo em busca de uma carreira.

“Serviço de roça era muito pesado, nós fomos para São Paulo porque era leve o serviço”, diz Lourival, aos risos. “Nós éramos pequenininhos, fraquinhos.”

Lourenço foi até o Rio de Ja-

neiro patentear o nome da dupla e arrumou um emprego como metalúrgico na capital paulista. Os irmãos cantavam em programas de rádio e se apresentavam em circos, onde trabalharam por décadas tocando e interpretando dramas como *Moreninha do Convento* e *O Bandido da Luz Vermelha*.

Em 1960, fizeram as primeiras gravações, um disco de 78 rotações, formato em que trabalharam até 1967, quando lançaram o primeiro LP, *As Vozes de Cristal*. Mas foi só em 1971 que eles protagonizaram uma virada não só em suas carreiras, como em toda a música sertaneja, com a música *Como Eu Chorei*.

Muito influenciada por Roberto Carlos, o brega e a Jovem Guarda, a faixa romântica quebrou uma tradição da música caipira de só gravar modões de viola. “Abriu o caminho para o sertanejo”, diz Lourival. “O pessoal caçoava da gente. Quem gostava mesmo era só aquele povo da roça”, acrescenta o irmão. “Hoje, não. Até o povo da cidade gosta. Naquele tempo, eram só os caipiras.”

A dupla deu o que Lourenço chama de “uma modificada” no estilo caipira que mantinham até

ali. “Passamos a falar o português correto - porque falar o português certo é difícil. Mas nós falamos a língua do povo.”

Em muitas ocasiões, músicas já tinham sido gravadas por outros intérpretes só ficaram populares com as vozes de cristal. “Cada um tem um jeito de cantar. O nosso jeito é cantar para cima”, diz Lourival. Para o irmão, é algo que surgiu naturalmente. “Nós não temos grave, se for cantar assim não dá certo. Eu tenho o agudo, então quando a gente termina [um verso], levar para cima fica melhor.”

Essa capacidade de jogar luz em canções esquecidas permanece até hoje. Há menos de dois anos, eles regravaram *Se Ainda Existe Amor*, uma composição de Raul Seixas, já gravada por Balthazar - e por eles mesmos, há 40 anos-, sem muito sucesso. Só no Spotify, a nova versão já tem mais de 3 milhões de reproduções.

Depois de *Como Eu Chorei*, a dupla não parou mais. Em seus mais de 50 discos lançados, emplacou uma série de sucessos sem nunca largar o estilo caipira mais tradicional. Entre suas gravações mais conhecidas estão *Menina da Aldeia*, *Os Três Boiadeiros Japone-*

ses, *O Telefone Chora* e *Franguiinho na Panela*.

A última delas narra a rotina de um trabalhador do campo, que às vezes passa fome, tem que almoçar pão com mortadela ou farinha com ovo - que “desce seco na goela”. A dificuldade compensa porque, diz a letra, a mulher e os filhos têm frango na panela.

Não foi exatamente a rotina de Lourenço & Lourival, que fizeram o caminho contrário - foram do campo à metrópole e depois de estabelecidos levaram o pai e a família a São Paulo. Mas a humildade casa com a poesia. Para os irmãos, que dizem nunca ter atraído um show, nada é mais importante que respeito ao público.

O segredo para manter as vozes potentes, eles afirmam, é “não fazer extravagância”. “Acabou de cantar? Bebe um refrigerante e vai dormir, não faz graça. Tem gente que canta e fuma três maços de cigarro por dia, bebe pinga, conhaque. Isso estraga a voz. E tem a graça de Deus. Não se cai uma folha se não for por ele”, diz Lourenço.

Cantar, diz Lourival, todo mundo canta. “Quero ver durar cantando, até ficar velhinho, com a mesma voz.”